

REPÚBLICA DE ANGOLA

A LIGA AFRICANA : ALGUMAS REFLEXÕES
Por Amélia Arlete Mingas

Luanda, 08/11/002

Senhores membros da mesa,

Minhas senhoras, meus senhores

Instada a falar sobre a Liga Africana, na data do seu aniversário, não é fácil porquanto implicaria fazer a sua história e isso, melhor do que nós, o faria um dos membros da sua Direcção. Todavia, não podemos deixar de salientar algumas passagens da intervenção de António Corte Real Santos (1942), responsável português de propaganda, afirma, referindo-se à Liga, durante a realização de um encontro:¹

“... e tem ainda, responsabilidade perante o Estado Português, **cujas leis acata e cuja soberania lhe cumpre fazer conhecer e respeitar por todos os seus filiados**”;

continuando, com uma citação do Governador Geral da época:

“... Portugal terá em Angola – mais, muito mais do que tem já hoje – uma inesgotável fonte de abastecimentos e um vastíssimo campo de acção dos europeus...

e reforçando-o:

... para que a vida seja boa, fácil e próspera a nativos e europeus, **é que trabalha a Liga Nacional Africana**, que vê na Pátria lá longe, ... A Liga Africana quer e trabalha para que a identidade entre africanos e europeus seja cada vez mais sólida e mais real. A uns e outros incumbe, neste ponto do Mundo português, o progresso e o prestígio da Pátria Comum”.²

Uma análise, mesmo rápida, do que acima transcrevemos, poderia levar-nos a pensar que os dirigentes da Liga Nacional Africana, nada mais foram que defensores servis e acérrimos dos interesses colonialistas em Angola e, ser-nos-ia fácil soçobrar à tentação de engrossar o grupo de pessoas que, no nosso país, anda

¹ António Corte Real Santos, As Três Faces da Liga Nacional Africana, in ANGOLA, Revista Mensal de Doutrina, Estudo e Propaganda Instrutiva, n.º 72/74, pág. 3

² O sublinhado é nosso.

à caça das bruxas. Com efeito, se a Liga africana tinha, como objectivo primeiro, entre outros, *acatar as leis e fazer os seus filiados conhecer e respeitar a soberania portuguesa em terras angolanas*, ela não poderia constituir um motivo de referência obrigatória para todos nós.

Mas, tal não aconteceu do modo como o previram os Portugueses. Por conseguinte, e porque é um dever de quem, como nós, beneficiou dessa Associação, não deixar de lhe prestar a sua devida homenagem na medida em que, a Liga Nacional Africana jogou um papel importante na formação de uma consciência nacional entre a juventude angolana.

A LIGA REAL, PROFUNDA

Somos de opinião que, da mesma forma que se afirma que a história não se repete a não ser como tragédia, assim também não devemos/podemos analisar, nem julgar, à luz da realidade actual, atitudes/comportamentos verificados num contexto espacial, temporal e politicamente diferente. E isso porque, no caso da Liga, esses mesmos dirigentes, que poderiam ser mal interpretados, foram suficientemente lúcidos para forçar-nos a reconhecer que, ao mesmo tempo que pareciam *acatar as leis e fazer conhecer e respeitar a soberania por todos os seus filiados*, eles foram fazendo uma resistência passiva, através da qual moldaram a sua Associação aos reais interesses dos Angolanos, como podemos depreender do discurso claro e contundente de Sidónio Castelbranco de Carvalho, quando afirmou:

“... Fundou-se mais uma Associação Africana, desta vez com sede em Nova Lisboa. Trata-se da Associação Africana do Sul de Angola.

Os nossos irmãos residentes naquela cidade querem trabalhar em pról da Causa; querem congregiar naquela Colectividade todos os Africanos dignos desse nome, capazes de realizar alguma coisa de proveitoso para todos nós. Devemos ajudá-los.

São sempre bem vindos todos quantos pensem no alevantamento da nossa Raça. ... Somos de opinião que as Associações Africanas devem trabalhar em conjunto, porque a Causa é comum.”³

...

“... as Associações africanas do Império Português se deviam corresponder com assiduidade, trabalhando assim todas de comum acordo para o alevantamento moral e intelectual do povo africano”.

As frases transcritas demonstram bem quão conscientes estavam os Angolanos do que acontecia no país e da necessidade de se lutar contra essa situação. A vontade de superar o tipo de relação existente entre os responsáveis colonialistas e a população formada pela esmagadora do nosso povo, levou alguns dos associados da Liga a definir objectivos maiores, dando-lhes um conteúdo mais amplo, que tiveram como premissas o modo de estar e de se relacionar com o mundo, as atitudes e um sistema de valores, que passaram por um esforço de investir na formação a que não foi estranho o sentimento da diferença e da defesa de uma identidade própria.

Assim, podemos dizer que a Liga Nacional Africana lutou por um desenvolvimento endógeno e diversificado, assente na participação das camadas mais desfavorecidas, em nome de quem sempre pleitearam. Daí, a solicitação junto das autoridades coloniais, de bolsas de estudo, de subsídios para os Seminários Diocesanos para Formação de Clero Indígena; a defesa de salários mais dignos para os trabalhadores oriundos da colónia; a criação de uma “Caixa de Auxílio a Estudantes Necessitados”, sob administração de Manuel Bento Ribeiro e António Rebelo de Macedo.

Com efeito, foi essa mesma Liga que, aparentemente, garantia aos colonialistas a certeza da defesa dos seus interesses na colónia, que criou as condições para que, por ocasião da

³ Levanta-te e Caminha, in ANGOLA, Revista Bi-mestral de Doutrina, Estudo e Propaganda Instrutiva, Ano XVII, n.º 142, pág. 4

inauguração do actual edifício, o Secretário Geral de Angola⁴, Sr. Dr. José António Fernandes, fosse surpreendido por um grupo de Angolanos cantado o hino nacional português, em umbundu. Esta decisão pressupõe uma vontade de evidenciar a diferença linguística e cultural reinante e tentar defender uma identidade própria, que passava pela utilização de uma língua que não era a oficial, nem gozava, na colónia um estatuto de prestígio.

Houve, por outro lado, a preocupação de oferecer aos filhos dos seus associados, não só o acesso à educação formal acima referenciado, mas também ao teatro, à dança, à religião, à educação sanitária pois, no posto médico da Liga, qualquer Angolano era objecto da atenção, cuidada, do Dr. Virgílio Monteiro.

De salientar que esta opção tem como objecto o homem africano em geral e o angolano em particular pois, a Liga não era só a casa dos Angolanos, mas sim de todos os Africanos.

No que respeita à promoção da actividade artística, não podemos deixar de sublinhar que foi no seu palco da Liga que o conjunto Ngola Ritmos actuou, que Antonino Van-Dúnem e Gabriel Leitão fizeram rir muitos de nós; que se tornaram conhecidas as vozes de Belita Palma, Lourdes Van-dúnem, Alba Clington, cantando em português mas também, e principalmente em kimbundu; que o Grupo Músico-Cultural Ngongo, apresentou muitos espectáculos e se revelaram o declamador "Mestre Ziza", o cantor Sofia Rosa, a dançarina "Duda"; foi, de igual modo, na Liga que, após a missa, alguns dos elementos do Grupo Santa Cecília,⁵ se reunia, sob direcção do Padre Vicente, não para rezar mas, para discutir sobre os problemas do país e da necessidade de uma tomada de consciência da juventude angolana de participar na luta de libertação.

Face ao que acabámos de lembrar, é óbvio e, por tal, evidente, que a Liga Africana, por tudo aquilo que representou, no passado, e que representa actualmente, pois os seus dirigentes, à semelhança dos que os precederam, continuam a lutar pela dignidade dos Africanos, deve merecer o respeito de todos nós e

⁴ Cf. ANGOLA, Revista Revista Bi-mestral de Doutrina, Estudo e Propaganda Instrutiva, Ano XVII, n.º 148, pág. 6

⁵ Como, por exemplo, Irene Cohen, Conceição Legot,

urge que medidas sejam tomadas para que se projecte, e para que a sua acção não se mantenha fora do alcance da juventude, pois sobre ela repousa o futuro do nosso país e a construção do futuro não pode ser dissociada de tudo o que caracterizou o passado. Assim toda a acção positiva, realizada pelos antigos membros da Liga, deverá ser trazida a público, através da realização de várias palestras, encontros; a Liga deve/tem de continuar a ser um lugar que dê a sensação, a qualquer Angolano, de estar "em casa, no lugar certo".

Bibliografia

CARVALHO, Sidónio Castelbranco de / 1949

Levanta-te e Caminha, in *ANGOLA, Revista Bi-mestral de Doutrina, Estudo e Propaganda Instrutiva*, Ano XVII, n.º 142, Luanda, pág. 4

SANTOS, António Corte Real, 1942

As Três Faces da Liga Nacional Africana, in *ANGOLA, Revista Mensal de Doutrina, Estudo e Propaganda Instrutiva*, n.º 72/74, Luanda, pág. 2-6